

HISTÓRIA E A MÍDIA: AS RECEPÇÕES DO SÍTIO DO PICA-PAU PELAS CRIANÇAS

Rômulo Henrique Andrade Silva
(romulohenriqueas@gmail.com)

Aluno da Especialização em Educação na UFCG

RESUMO

Em 1977 a Rede Globo lançou uma série de programas que narravam a história do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Essa narrativa se baseava na obra de mesmo nome, do autor Monteiro Lobato. Em 2000 a Rede Globo comprou o direito de exibir o Sítio do Pica-pau Amarelo. A Rede Globo passava a exibir os filmes e fazer algumas alterações. Diante dessas obras, é interessante observar a valorização da aventura, da fazenda e da defesa da memória dos velhos. Nosso trabalho tem como problema estudar como e quais sujeitos são recepcionados pelas crianças a partir do sítio do Pica-Pau Amarelo, assim como aparece a imagem da velhice nessas produções. Para elaboração de nossa pesquisa é interessante estudar a relação dialógica existente entre a educação e a mídia, percebendo como podemos usar do discurso midiático para o universo educacional. Além de elaborarmos um estudo sobre a história da infância e velhice. Destaque para os teóricos Philippe Àries, Marcos Cezar de Freitas e Moysés Kuhlman Jr. Entre outros. Logo pretendemos (re)apresentar episódios do Sítio do Pica-Pau Amarelo com o objetivo de discutir que outros serão inventados pelas crianças, em seguida pretendemos estudar o autor e a obra, com o objetivo de melhor compreender o lugar de que fala Monteiro Lobato.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de projeto de pesquisa na Especialização em Educação na UFCG, na unidade acadêmica de Educação sob a orientação da professora e Doutora Keila Queiroz e Silva. Com o mesmo título desse artigo, **História e a Mídia: As recepções do Sítio do Pica-pau pelas crianças**. Tendo como foco de estudar as representações infantis para com o programa televisivo o Sítio do Pica-Pau Amarelo (2001). Uma pesquisa que tem como objetivo perceber como as crianças de uma escola de Campina Grande recepcionam a televisão, especialmente O Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Assim, viemos por meio desse artigo apresentar alguns dos primeiros resultados obtidos em sala de aula sobre a influência da mídia sobre as crianças. Percebendo como elas recepcionam os

personagens da da mini-série citada anteriormente.

Esse trabalho passa a ser um texto que uni uma experiência na sala de aula, seja como professor e pesquisador, bem como um convívio por meio do universo vasto e complexo do mundo infantil.

Logo para a realização desse trabalho dialogaremos com a História Cultural, principalmente com as leituras de infância e os usos dos bens culturais. Como também dialogaremos com os Estudos Culturais.

Como metodologia usaremos a televisão e veremos como a criança ler o programa do Sitio do Pica-Pau Amarelo. A escolha pelo material visual se faz a partir da influencia de uma sociedade contemporânea que faz grande uso do sentido da visão. Especialmente percebendo como as crianças do 5 ano da escola particular Espaço de Convivência Educacional usavam a tv.

A televisão e sua sedução

É interessante observar como a televisão como meio de de propagação de um saber. A escolha por ela se justifica na sua expansão em larga escala, na sua imagem de simbolo do moderno e da difusão de cultura. Ainda porque percebemos que a televisão torna-se um bem presente em quase que 90% das casas brasileiras.

Diante disso, somos motivados a entender as redes televisivas enquanto aparelho de difusão de ideais e valores culturais. Entretanto, centramos nosso olhar para observar como os programas midiáticos fizeram uso da tela, da imagem e do som da televisão visando ampliar a divulgação da obra de Monteiro Lobato.

Selva Guimarães Fonseca destaca que:

Nos Últimos 20 anos uma das principais discussões, na área da metodologia do ensino de história, tem sido o uso de diferentes linguagens e fontes no estudo dessa disciplina. Esse debate faz parte do processo de crítica ao uso exclusivo de livros didáticos tradicionais, da difusão dos livros paradidáticos, do avanço tecnológico da indústria cultural brasileira e, sobretudo, do movimento historiográfico que se caracterizou pela ampliação documental e temática das pesquisas. (FONSECA, 2003, p.163.)

Observa-se que uso de novas metodologias enriquece nosso debate, pois acaba por sair de um reducionismo centrado na ligura do Livro didático. Ao mesmo tempo, permite fazer uso da televisão enquanto um dos símbolos da sociedade moderna que seduz de forma mais efetiva o alunato.

O uso dessa metodologia em sala de aula é motivada porque sabermos que nossa sociedade contemporânea se insere em uma comunidade que valoriza o sentido visual, a imagem. Essa atração da criança pelo o aparelho citado acima, foi visto no inicio da nossa pesquisa exploratória, quando

observamos as crianças centradas nas imagens, nas músicas, na expectativa criada pelo suspense de cada cena dos episódios do sítio do Pica-Pau.

Escolhemos essa temática porque acreditamos que a televisão serve como um aparelho de difusão de ideias muito forte, além disso, entender o uso da televisão é refletir sobre o poder de sedução desse símbolo da comunicação. Essa sedução pode ser vista nas palavras de Marisa Vorraber Costa, autora do capítulo *Mídia, Magistério e Política Cultural*.

È pela ação, a qual os discursos nos incitam, que exercemos o governo de nós mesmos, tornando-nos agentes de nossa própria sujeição. A influência da mídia sobre nós não se reveste de nenhuma forma de violência, pelo contrário, ela é, na maioria das vezes, prazerosa, contando com nossa adesão. (COSTA, 2000, p. 80)

Embora que discordamos da afirmação acima, pois acreditamos que existe ainda a presença da violência, seja ela por meio das dramatizações dos sujeitos, dos indivíduos. Mas, concordamos com a afirmativa de que a mídia é prazerosa e atraente. Tais motivos nos estimulam cada vez mais nossa compreensão.

A escolha pelo programa televisivo O Sítio do Pica-Pau Amarelo vem a partir de nosso interesse de refletir como o aluno pode entender e significar as imagens demonstradas em cada episódio. Ao mesmo tempo, procuraremos perceber aqueles sujeitos que são mais atraídos e/ou esquecidos pelas crianças.

Diante disso, é interessante entender porque as crianças interessam pelo O Sítio do Pica -Pau Amarelo? Ao mesmo tempo, com quem a criança se identifica ao assistir tais programas? E que personagens serão esquecidos no olhar infantil a respeito do Sítio do Pica-Pau Amarelo?.

A História da Criança, uma invenção adulta

Nossa pesquisa está sendo realizada na Escola Espaço de Convivência Educacional no centro da cidade de Campina Grande. Uma escola de pequeno porte cuja a mesma tem cerca de 100 alunos, desde o beçário ao 5 ano.

Nessa escola lecionamos tanto na disciplina de História como a de Geografia para as turmas do 4º ano, 5º ano e 6º ano. A experiência com esse público infantil permitiu um crescimento formidável a respeito de ensino e pesquisa. Percebemos como o universo da escola, do saber escolar necessita dialogar com o meio que o aluno está envolvido. Logo, nesse sentido, a escola necessita interagir com o universo que seu aluno faz parte. Observando a lacuna existente entre a escola e o aluno, sentimos a necessidade de perceber a influencia que a mídia televisiva tem sobre as crianças.

Contudo, devemos refletir que a criança nem sempre participou como sujeito das pesquisas da história, a partir da influencia da História Social e a História Cultural que essas linhas de pesquisa do campo da História ajudaram na ampliação de um universo temático e metodológico

para o Historiador.

A História Social a partir de seu diálogo com a história marxista passa a se interessar em pesquisar os sujeitos que eram esquecidos pela a história positivista. Assim ganha-se espaço trabalhos que visam estudar a mulher, o idoso, o operário e a criança.

Marcos Cezar Freitas apresenta a infância como: “a concepção ou a representação que os adulto fazem sobre o período inicial da vida, ou como o próprio período vivido pela criança”. Já a criança passa “o sujeito real que vive essa fase da vida”(FREITAS, 2002, P. 07).

A “*História da Infância* seria a história da sociedade, da cultura, dos adultos, com essa classe de idade e a *história da criança* seria a história da relação das crianças entre si, e com os adultos, com a cultura e a sociedade”(FREITAS, 2002, P. 27). Entretanto é necessário termos em mente que a invenção do conceito de “criança” surge do saber adulto.

Ao mesmo tempo devemos sempre questionar que existem histórias das crianças, pois as sociedades tem estruturas diferentes, conseqüentemente, a criança rica teve espaço distintos da criança pobre.

Concordamos com João Adolfo Hansen basea-se na leitura de Foucault e de Marx, para concluir que a infância “não é um objeto natural, mas instituição social produzida em práticas familiares e institucionais datadas”(HANSEN, 2002, P. 11).

Os estudos sobre a infância e a criança passaram a se destacar na história a partir das leituras feitas por Philippe Ariès. Esse autor, estudou o olhar da modernidade sobre suas crianças. Apresentado como a Idade Média colocava a infância em temporalidades e meios bem diferentes da atualidade.

A primeira refere-se inicialmente à nossa velha sociedade tradicional Afirmei que essa sociedade via mal a criança, e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje (ARIES, 1981, P. 04).

Portanto, a infância era vista na antiguidade no período mais frágil da criança, no momento mais dependente dos adultos. Mesmo sem uma preparação a criança passava a fazer parte do convívio com a população mais adulta. Vemos assim a ausência de um fonte elo entre os seres adultos e as crianças. Para Philippe Aries existia um sentimento que ele denominou de “Paparicação”. Ou seja, dar afeto a crianças recém nascidas. Contudo, com a constante morte das crianças nessa fase, causava tristeza na sociedade, contudo era regra social “pois uma outra criança logo a substituiria”(ARIES, 1981). Logo, Aries destaca que a “criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato” (ARIES, 1981, P. 04).

Assim como Philippe Àries, os autores Diana Lichtenstein Corso e Mario Corso, mostram

que as crianças demoraram até quase o final do século XVI para serem dignas de alguma importância e atenção (CORSO, 2006, P. 33).

Isso provocou mudanças nos cuidados das crianças pois era necessário separar locais destinados a educação da criança, ou seja, os colégios. Philippe Aries apresenta os colégios como espaços de separação da criança do meio adulto. “Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização”(ARIES, 1981, P. 05).

Na Idade Média a escola surgia com um centro de saber responsável por ensinar a criança, também elaborar um sujeito que aceitasse as suas condições sociais e seu lugar na sociedade. (BOTO, 2002, P. 13.). Além disso, a escola era um espaço segregado, onde na maioria das vezes estava voltado a uma elite dominante. Passa a ser esse espaço na sociedade reservado a criança e a sua formação. Então, “os colégios agiam pelo contraponto: instituições voltadas para o equilíbrio, para, com ponderação, ordenar a rede social, mediante critérios eleitos, selecionados e seletivos: daí seu presumido efeito de distinção”(BOTO, 2002, P.24).

O olhar para a escola é influenciado pela própria compreensão que se tinha da criança, ou seja ela era reconhecida pelo o que lhe faltava. Ou seja, “a criança é percebida pelo que lhe falta, pelas carências que apenas a maturação da idade e da educação poderiam suprir. Frágil na constituição física, na conduta pública e na moralidade, a criança é um ser que deverá ser regulado, adestrado, normalizado para o convívio social” (BOTO, 2002, P.17).

Já em um estudo mais contemporâneo, e com o olhar para as crianças na atualidade os autores Euclides Redin, Fernanda Müller, Marita Martins Redin apresenta como as crianças são esquecidas pelos poderes políticos. Ao ponto que os três acima afirmam que: “nossas crianças não precisam de praças e escolas só para elas; elas precisam da cidade que lhes garanta espaço e tempos carregados de dignidade, respeito, ternura e aconchego”(MULLER, 2007, P.07).

As Autoras Fernanda Müller e Marita Martins Redin em seu texto “Sobre as crianças, a infância e as práticas sociais” apresentam o conceito de infância, como categoria social, pode ou não ser considerada como um grupo específico, com características comuns, embora vivendo em espaços diferenciados, com culturas diversificadas”(MULLER, 2007, P.03). Logo, conceitar a infância é algo difícil, porém a maioria dos autores concordam com a afirmativa de que a história da infância é uma invenção do adulto. (MULLER, 2007, P.17).

Ainda no mesmo livro, podemos ver como Euclides Redin e Vital Didonet apresenta a cidade como um espaço de atuação para os vários sujeitos sejam adultos, crianças e idosos. Logo, eles afirmam que:

Existe um personagem muito especial vivendo nas cidades. Mas, as cidades pouco sabem dele, pouca atenção lhe dão e muito mal se organizam para ser sua casa, seu ambiente, seu

território. As cidades vão perdendo, cada vez mais, as características que as fazem amigas, próximas, acolhedoras desse personagem: a criança. (REDIN, 2007, P. 23)

Logo, a criança passa ser vista como um sujeito necessário a cidade. Pois a cidade agora é um local produzido pelas narrativas desses indivíduos que outrora foram esquecidos.

Assim, Euclides Redin e Vital Didonet apresentam que “toda cidade pode fazer parte das iniciativas inovadoras, que apontam para o futuro. E que já fazem um presente melhor. Nelas, as crianças crescem como cidadãos” (REDIN, 2007, P. 23)

Assim, será necessário dialogarmos a importância da mídia na vida desses indivíduos. Consequentemente será necessário refletirmos a respeito da mídia televisiva. Para isso vamos dialogar com Nelson de Luca Pretto, autor do livro *Uma escola sem/com Futuro*. Nesse trabalho o autor demonstra como a mídia participa do nosso mundo, sobre isso, afirma que:

Planeta terra. Final do século XX. Um único estudante coloca-se na frente de um tanque de guerra, numa manifestação no centro de Pequim. O mundo inteiro vê. Uma bomba explode na Galleria degli Uffizi em Firenze. O mundo inteiro ouve. Índios guaranis, no Brasil, ameaçam suicídio coletivo caso sejam obrigados a deixar suas terras. O mundo todo exclama.(...)Tudo mostrado e visto, em quase todo o planeta, quase que ao mesmo tempo. (PRETTO, 1996, P. 27)

Nelson de Luca Pretto expressa como a mídia propaga as informações, mostrando e expandindo seus sons. Ela busca cada vez mais atingir um maior número de pessoas, procura propagar o maior quantidade de informações em menos tempo.

Diante disso o telespectador será o leitor midiático, aquele que receber e se apropriar das informações. Contudo o telespectador não receberá tudo, a grande quantidade de informações que emanam da mídia faz com que o leitor midiático selecione aquilo que lhe atrai, aquilo que o seduza, ou aquilo que lhe inquieta. “Assim a mídia se faz. Nós a faremos. E ela é feita para nós”. (SILVERSTONE, 1999, P. 147)

Sobre isso aproximamos a leitura de Marshall McLuhan em seu livro *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Nesse trabalho o autor busca perceber a grande aproximação entre os meios de comunicação e o homem.

O efeito da tv, a mais recente e espetacular extensão elétrica de nosso sistema nervoso central, ainda não se deixa apreender em toda a sua profundidade por razões várias. Como ela afeta a totalidade de nossas vidas – pessoal, social e política – seria utópico tentar uma apresentação sistemática ou visual, de sua influência. (MCLUHAN, 1964, P. 356)

Discordamos dessa proposição acima porque acreditamos que seja possível sim compreender a forte influência que a televisão exerce sobre o ser humano, pois nosso próprio trabalho visa perceber como essa influência resulta na (re)memoração dos episódios do sítio do pica-pau amarelo.

Diante disso é visível que o discurso midiático tem públicos definidos, tem interesses a serem atingidos com a sua divulgação. Pois a mídia é enquanto discurso é carregado de sentidos por

aqueles que o fizeram, mas também pelos que vão recepciona-lo.

Tela, além de se referir às telas de computador, do cinema e da televisão, significa também um tecido, o quadro, os objetivos de discussão em pauta e o momento em que se discute (vide Dicionário Aurélio). Tela, teia, rede trama, entrelaçamento de fios, construção – do tecido, do quadro, das imagens, do texto, do mundo ... do leitor. (BARZOTTO & GHILARDI, 2002, P. 07)

Observando a citação acima percebemos que Maria Inês Ghilardi e Valdir Heitor Barzotto apresentam que a mídia como um canal de comunicação entre a mensagem e o telespectador. Pois é através da reprodução das imagens na tela, dos sons a mensagem chega ao telespectador.

Percebendo esse elo existente entre a mídia e seus leitores podemos destacar a opinião trazida por Roger Silverstone, quando esse afirma que o discurso midiático necessita de uma mediação para produzir sua mensagem. Sobre isso podemos ver na citação abaixo:

Comecei a dizer que devemos na mídia como um processo de mediação. Para tanto, é necessário perceber que a mídia se estende para além do ponto de contato entre os textos midiáticos e seus leitores ou espectadores. É necessário considerar que ela envolve os produtores e os consumidores de mídia numa atividade mais ou menos contínua de engajamento e desengajamento com significados que têm sua fonte ou seu foco nos textos midiáticos, mas que dilatam a experiência e são avaliados à sua luz numa infinidade de maneiras. (SILVERSTONE, 1999, p. 33)

Diante disso, é interessante refletir sobre os sentidos que os textos midiáticos apresentam, pois cada obra está sobrecarregada de conceitos e valores dos inseridos pelos seus produtores para seus consumidores.

Em meio a isso observamos a necessidade de dar voz as crianças, permitindo observar as suas opiniões, suas necessidades e seus desejos.

As crianças e suas leituras para os episódios do Sítio do Pica-Pau Amarelo

A partir do momento que sentimos a necessidade de também olhar para o estudo da infância nós sentimos a necessidade de conhecer seu universo e partilhar de seus desejos. Logo, por meio de nossa pesquisa observamos a possibilidade desse desejo.

Assim, como sujeitos de nossa pesquisa tivemos os 17 crianças do 4º ano, turma composta por alunos tanto do sexo masculino como feminino. Logo, por meio de um convívio que durou por cerca de 8 meses pude me relacionar como professor e pesquisador. Ao longo desse tempo pude realizar os questionários sobre como cada um usava a televisão, que programas assistia quanto tempo estavam ligados a televisão.

Como respostas a esse questionamento alguns alunos afirmaram “agente assiste desenhos, filmes, novelas”. Dessa maneira é visível como a mídia televisiva está presente no cotidiano das crianças.

Tão presente que ao questionarmos o tempo que elas passavam assistiam a tv, elas afirmam

que passavam boa parte da manhã assistindo aos programas televisivos. Sobre isso, podemos compartilhar logo com a opinião de Giavanni Satori já que o mesmo afirma que é bastante evidente que o mundo em que vivemos já está se apoiado nos ombros da “geração-televisiva”: uma espécie recentíssima de ser humano criado pela tele-visão – diante de um televisor – antes mesmo de saber ler e escrever.(P. 08, 2001)

A influência da televisão fica evidente na nossa pesquisa quando por meio de nossos questionamentos em sala de aula perguntamos as crianças se elas assistiam ao O Sítio do Pica-Pau Amarelo. Foi interessante perceber que a reação dos 17 anos foi positiva ao questionamentos, tão foi a reação dos mesmos que alguns dos alunos iniciaram a cantar a música tema da mine-série.

Vendo a grande receptividade do programa resolvemos iniciar uma releitura dos episódios do Sítio do Pica-pau Amarelo. Diante disso, visualizamos a grande interação que existe entre a criança e a mídia. Uma relação tão próxima que observamos alunos centrados nos episódios, cantando a música de abertura.

Usando da pesquisa-ação, já que a mesma segundo Gil:

A pesquisa-ação tem sido objeto de bastante controvérsia. Em virtude ele exigir o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema, a pesquisa-ação tende a ser vista em certos meios como desprovida da objetividade que deve caracterizar os procedimentos científicos. (2002,p.55)

Sobre isso, concordamos com Gil, pois a pesquisa participativa precisa ter esse elo entre o pesquisador e os sujeitos. Visto que os interesses da pesquisa devem ser comuns. Sendo assim, vemos a necessidade de refletir como as crianças selecionam personagens da série o Sítio do Pica-pau Amarelo, ao ponto de adorar alguns sujeitos como Emília, Pedrinho, narizinho e negar ou não dar conta da existência de sujeitos como os idosos.

O Sítio do Pica-Pau Amarelo é um programa televisivo baseado na obra de mesmo nome do literato brasileiro Monteiro Lobato. O programa foi exibido primeiramente na rede globo em 1977. Logo em 2001, foi exibido na mesma emissora, mas com alterações de episódios e personagens. Logo destaca-se por ser uma produção destinada ao público infantil.

Logo, o uso da mídia televisiva pode ser entendido enquanto uma Estratégia dos proprietários que querem aproveitar o poder simbólico da televisão para divulgar a imagem do Sítio e conseqüentemente da obra de Monteiro Lobato para as crianças.

Quando pensamos estratégia partimos do conceito de Michel de Certeau que quer dizer uma ação planejada dos saberes poderes que visam controlar e organizar as práticas cotidianas. Logo, a emissora Rede Globo, podia fazer uso do programa do Sítio do Pica-Pau Amarelo para ganhar mais audiência do público infantil.

Contudo, não quer dizer que por ser uma produção destinada ao público infantil que toda a

criança vai sentir-se atraída por ele, visto que há resistência da criança ao programa do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Logo partimos do conceito de tática de Michel de Certeau, para pensar a resistência das crianças ao programa, logo esse conceito quer dizer que o homem se apropria do tempo oportuno, do momento para desenvolver uma astúcia e burlar o sistema. Logo, a criança pode simplesmente no momento que inicia o programa televisivo do Sítio do Pica-Pau Amarelo ela se retira da televisão e vai fazer outra coisa que lhe interessa.

Pois nem toda criança vai assistir ou se interessar pelo programa. Isso é visível na fala de um dos alunos que não assistia ao programa porque não gostava e aproveitava o tempo “para jogar bola ou fazer outra coisa.” logo, isso demonstra que o infante pode construir taticamente suas formas de resistir ao programa. Visto que o sujeito tem interesses, seja aproveitar o tempo do programa para outra finalidade.

Diante disso, devemos ver que cada indivíduo vai fazer uso dos bens da forma que lhe atrai, logo, a criança pode ao assistir ao programa e criar uma identidade com os símbolos construídos por esses programas. Visto que o programa midiático elabora um universo de identidades e personagens como o caso de Pedrinho, Narizinho, Emilia entre outros.

A partir daí podemos ver como a Mídia televisiva constrói lugares sociais tradicionais, como o caso de **Pedrinho**. Um personagem símbolo do menino, da coragem, da esperteza e da aventura. Essa imagem atrai a criança do sexo masculino, segundo a fala do aluno do 4 ano ele adora Pedrinho porque carrega uma balneira (estilinge) e tem muita coragem.

O interessante é perceber que não só meninos vão usar Pedrinho como representação, muitas meninas, representaram por desenhos tanto esse personagem como personagens femininos, como **Emilia** e **Narizinho**. Em nossas pesquisas esses personagens simbolizam o lugar feminino, em nossas pesquisas percebemos uma maior identidade das meninas com relação a esses personagens.

Diante disso, os personagens não estão fechados em identidades estáveis, onde apenas meninos ou meninas devem se atrair por um personagem ou outro. Ao contrário, a mídia televisiva destaca-se por produzir culturas híbridas que provocam quebras das identidades, como o caso do gênero.

Contudo no caso dos meninos não localizamos nenhum menino que sentisse seduzido ou considerasse a personagem feminina interessante. Eles “apenas” a consideraram como estranho, uma boneca falante, uma boneca que inquieta e esperta.

Bibliografia

BARBOSA, Andréa; EDGAR, Teodoro da Cunha. Antropologia e Imagem. Ciências Sociais, passo a passo 68. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar de; JUNIOR, Moysés Kuhimann. Os Intelectuais na História da Infância. São Paulo – Cortez. 2002. pág 24.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas – SP: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro – Forense. 1982.

CORSO, Diana Lichtenstein. CORSO, Mário. Em busca de um Lugar. *IN: Fadas no Divã. Psicanálise nas Histórias Infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006. pág. 33.

FONSECA, Guimarães Selva. *A incorporação de Diferentes fontes e Linguagens no ensino de História*. *IN: Dídatica e Prática de Ensino de História*. 7 edição. Campinas: SP: Papirus. 2003. pág. 167.

FREITAS, Marcos Cezar de; JUNIOR, Moysés Kuhimann. Os Intelectuais na História da Infância. São Paulo – Cortez. 2002. pág. 07. Os Intelectuais na História da Infância. São Paulo – Cortez. 2002.

HANSEN, João Adolfo. Educando príncipes no espelho. *IN* FREITAS, Marcos Cezar de; JUNIOR, Moysés Kuhimann. Os Intelectuais na História da Infância. São Paulo – Cortez. 2002.

LOBATO, Monteiro. História das Invenções. Campos do Jordão – SP, Circulo do Livro SA, 1935.

_____. O Sítio do Pica-pau Amarelo: Reinações de Narizinho. São Paulo – SP. Circulo do Livro, 1935.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. Polo técnico – técnicas de coleta de informações, dados e evidências. In: Metodologia da investigação científica para ciências aplicadas. - São Paulo – SP. Atlas, 2007.

MULLER, Fernanda; REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins. Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre – Mediação. 2007.

MCLUHAN, Marshall. OS meios de Comunicação como extensões do homem. Trad. Décio Pignatari. São Paulo-SP: Cultirx, 1967.

PAULO, Freire. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo – SP. Editora Cortez. 2002.

PRETO, Nelson de Luca. Uma Escola sem/com Futuro. Educação e Mutimidia. Campinas – SP:papirus. 1996.

REDIN, Euclides; DIDONET, Vital. Uma criança que acolha as crianças: políticas públicas na perspectivas da infância. Porto Alegre – Mediação. 2007. pág. 23.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Olhando com o coração e sentido com o corpo inteiro no cotidiano escolar. In: Azoilda Loretto da Trindade, Rafael dos Santos. Multiculturalismo, Mil e uma faces da Escola. 2ª edição. Coleção O Sentido da Escola. - Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Pág. 08.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Estatuto de Sujeito, desenvolvimento humano e teorização

sobre a criança. In: Os Intelectuais na História da Infância. São Paulo – Cortez. 2002

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? Trad.: Milton Camargo Mota. São Paulo – SP. Edições Loyola. 1999.